

ANÁLISE DE MACROESTRUTURAS SINTÁTICO-SEMÂNTICAS GERADAS PELO PREDICADO NOMINAL

Sanimar Busse¹

RESUMO: *Apresenta-se neste texto um roteiro de análise na tentativa de identificar estruturas que comandam o processo de argumentação no interior do enunciado. Pretende-se verificar como se organizam os processos textuais a partir da relação entre predicado nominal e as estruturas sintáticas que o ladeiam. A transposição teórica pretendida, dada no nível da frase e especificamente instaurada no léxico do verbo, é orientada para o nível macrotextual, em que o predicado nominal mostra-se nuclear, criando, porém, um ambiente para a dimensão definida com referência ao texto. Transpondo a proposição do autor, que se pauta basicamente em operadores argumentativos, entende-se que a relação núcleo e seus ladeadores representa uma pista que, de um lado, assegura os intentos do produtor do texto, e, de outro, direciona a interpretação do interlocutor. Portanto, o ato de asseveração fica na dependência das intenções do produtor do texto e revela-se por meio de estruturas sintáticas macrotextualmente definidas.*

PALAVRAS-CHAVE: *predicado nominal; texto; argumentação.*

ABSTRACT: *This paper presents an analysis script in an attempt to identify structures that control the process of argumentation within the statement. It is intended to determine how the textual processes are organized from the relationship between the nominal predicate and the syntactic structures that flank it. The intended theoretical transposition, given in the sentence level and specifically established in the verb lexicon, is oriented to the macro-textual level, where the nominal predicate is shown nuclear, creating, however, an environment for the defined dimension as regards the text. Transposing the author's proposition, which is guided basically by argumentative operators, it is understood that the process of the relationship from nucleus and its companions represents a tip that, on one hand, ensures the intents of the text producer, and, on the other hand, directs interpretation of the interlocutor. Therefore, the act of assertion is dependent on the text producer's intentions and is revealed through defined macro-textual syntactic structures.*

KEYWORDS: *nominal predicate; text; argumentation.*

Recebido em 30-10-2016

Aceito em 01-05-2017

1 Professora Doutora do Curso de Graduação em Letras, do Programa de Pós-Graduação – Mestrado e Doutorado em Letras e do Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE. Supervisora do Subprojeto de Língua Portuguesa, do PIBID/CAPES.

PALAVRAS INICIAIS

Apresenta-se aqui um percurso de análise em que se tenta descrever a funcionalidade do predicado nominal em um contexto definido de interlocução. Para tal, parte-se das discussões sobre a argumentação que podem respaldar a identificação de ações desenvolvidas na língua por meio de marcas que se inserem no texto e atuam na sinalização de determinadas intenções. As reflexões traçadas focalizam a busca de subsídios para a análise do predicado nominal (doravante PN), tendo em vista seu perfil sintático, e o desencadeamento de manobras argumentativas no seu contexto mais imediato de realização.

A compreensão do predicado nominal como elemento que insere no enunciado o processo argumentativo decorre da concepção tesneriana de frase como “resultado de uma série de conexões entre palavras, as quais permanecem assim em relação de dependência” (AGUD, 1980, p. 364). Tesnière reflete sobre a centralidade do verbo na frase superando a concepção bipartida entre sujeito e predicado da gramática tradicional. Sella (2000, p. 125) destaca que, para Tesnière, “a sintaxe da frase é entendida como um relacionamento instaurado entre palavras que dependem umas das outras numa perspectiva hierárquica”, em que o verbo assume o ponto mais alto e determinante da frase e passa a determinar seus “actantes” e “constituintes”.

O Predicado Nominal é tomado neste texto como uma asserção ladeadora² dos argumentos que asseveram pontos de vista e argumentos. Em se tratando do predicado nominal, a teoria das valências possibilita o resgate do aspecto semântico do verbo de ligação. No exemplo “Eles não são nada

² Descrevemos os elementos que acompanham o PN como ladeadores por compreender que são responsáveis pela relação semântico-argumentativa e pragmática que se instaura na estrutura.

sutis” há um elemento (Eles) sendo exposto para uma avaliação e o verbo não apenas declara, mas assevera, expõe uma afirmação. Sintaticamente, os elementos assumem os papéis de sujeito e predicado, entretanto, numa análise macro, caracterizam-se por extrapolarem essas funções a partir da ambiência semântico-argumentativa dos ladeadores do PN.

Enquanto a gramática tradicional considera o PN como uma declaração sobre o sujeito, percebe-se que estão envolvidas categorias semânticas responsáveis pelo estabelecimento do sentido do enunciado, em que, por exemplo, no nível opinativo há uma “declaração”, segundo Sella (2000), realizada sobre o exposto, o qual “indica uma espécie de interpretação, apreciação, conclusão ou sugestão” (SELLA, 2000, p. 257). O estatuto semântico, dessa forma, corrobora para o reconhecimento do predicado nominal como asseveração, com valor performativo, uma vez que expõe e avalia, julga, sentencia, declara, etc.

Considerou-se o relacionamento instaurado pelo predicado nominal e seus ladeadores, também, segundo proposta de Ducrot (1972), o qual entende que no processo de argumentação há pistas que asseguram e, principalmente, orientam condições e arranjos linguísticos para uma dada conclusão.

Parte-se da concepção de argumentação inscrita na língua (DUCROT, 1987) e da sua realização por meio de movimentos organizados em torno de macroestruturas, numa relação de dependência e hierarquia. O percurso teórico selecionado para a definição da argumentação, em relação à avaliação dos aspectos linguísticos no interior de macromovimentos, encontra-se sustentado nos estudos de Koch (2003) e van Dijk (2002). As incursões teóricas voltam-se para compreensão do estatuto da argumentação no interior de porções textuais, focalizando o processo argumentativo que reclama uma acomodação sintática.

FUNCIONAMENTO DO PREDICADO NOMINAL NO INTERIOR DO TEXTO

A perspectiva da inscrição da argumentatividade no “nível fundamental da língua” (KOCH, 2002, p. 19), considerando a frase como “uma unidade sintático-semântica”, subsidia uma avaliação que ultrapasse o espaço da frase, tendo o texto como conjunto de elementos que ancoram a definição de “paradigmas”, cujas marcas revelam uma regularidade quanto aos movimentos argumentativos no interior do texto.

O pano de fundo das discussões em torno do estatuto e das categorias do texto argumentativo remete à compreensão de processos linguísticos e discursivos que envolvem o posicionamento do locutor diante da realidade, ultrapassando a instância da simples expressão, para revelar movimentos discursivos que concorrem para obter a adesão. Porém, os parâmetros utilizados no ensino da produção textual nem sempre revelam que o texto argumentativo se caracteriza por apresentar estruturas sintáticas (micro) específicas.

A escolha dos argumentos e a sua organização exigem do locutor o conhecimento e o domínio das formas sintáticas e dos procedimentos semânticos na constituição do texto. O arranjo sintático e semântico particulariza o “sentido” inscrito e atribuído pelo produtor, arranjo este que se apresenta como espaço de representação de valores sociais e posicionamentos diante da realidade.

O reconhecimento do PN como estrutura que participa do processo argumentativo, instaurado em torno das questões essencialmente relevantes para a constituição de períodos de maior ênfase nas discussões e no embate que se estabelece, remete a um perfil assverativo diante da complexidade que envolve as estruturas que sustentam a argumentação.

As estruturas argumentativas localizadas no texto avaliado, definidas pela presença do PN e seus suportes argumentativos referendam movimentos argumentativos. Parte-se, para tanto, da perspectiva de que se instauram no enunciado relações sintáticas que devem hospedar argumentos suficientes para o êxito esperado. O termo enunciado, vale lembrar mais uma vez, retrata justamente o relacionamento semântico-argumentativo gerado pelo predicado nominal.

Este texto organiza-se a partir de uma discussão teórica preliminar, em que é apresentado o trajeto teórico que orientou a análise do funcionamento semântico-argumentativo do PN. A seguir, apresenta-se a análise de porções do texto “Quem é o bocó”, de Sírio Possenti, em que o PN e seus ladeadores constituem cenário argumentativo-pragmático na constituição de níveis opinativos, explicitativos e modalizadores.

O uso da língua está condicionado ao estabelecimento de atos, cuja realização pressupõe a mobilização de uma atividade dinâmica instada no espaço da interlocução. Os estudos sobre a realização da argumentação na língua estão atrelados às condições de dependência e hierarquia entre as estruturas dos enunciados. Podem-se, portanto, identificar determinadas condições de uso das estruturas linguísticas, principalmente relacionadas aos seus efeitos de sentido no interior dos enunciados. No texto esta configuração apresenta-se demarcada por processos definidos em termos dos graus de formalização, implicando na inscrição ou distanciamento do locutor.

Para Ducrot, a significação inscreve-se no enunciado independentemente das condições relacionadas ao contexto de sua produção, tendo em vista que a língua possui em sua estrutura “variáveis argumentativas” que explicitam o valor argumentativo dos seus componentes. Ao propor “um papel operatório no funcionamento do

componente linguístico”, Ducrot (1972, p. 138) corrobora o reconhecimento de funções argumentativas inscritas na língua.

A argumentatividade tem como pressuposto o princípio de que na comunicação há uma orientação em que os enunciados produzidos apontam para determinadas conclusões (com exclusão de outras). Essa constatação não será resolvida no interior deste texto, mas percebe-se que há uma afinidade com a estrutura semântico-argumentativa aqui defendida. E é dessa caracterização sintática que emerge uma assimilação com a teoria de Ducrot: o relacionamento entre PN e ladeadores serve de pista para que o produtor do texto e o interlocutor, cada um no seu turno, digamos, possam empreender, respectivamente, passos de argumentação e passos de interpretação.

Os recortes apresentados refletem momentos de orientação argumentativa relevantes no contexto do que se afirma para determinada conclusão. A opção por determinada estrutura ou enunciado marca o processo de enunciação, a inserção do predicado e o efeito assertivo, que estão relacionados aos traços argumentativos dos ladeadores.

No contexto da pesquisa, lida-se com uma relação dinâmica em que os processos de asseveração, instaurados no interior do Predicado Nominal, realizam movimentos argumentativos “exofóricos”, conectando-se às demais estruturas argumentativas do texto, ou “endofóricos”, agindo nos limites do perfil asseverativo do seu conteúdo. Reconhecemos os graus de formalização do texto, como fatores que podem determinar as condições de sustentação de determinada declaração ou afirmação emergida do PN, reivindicando instâncias de seleção, inserção e arranjo dos argumentos.

A organização da argumentação no texto sugere a constituição de blocos argumentativos que podem referendar argumentos baseados no estatuto informativo, ou no nível da avaliação. Para entender os movimentos

argumentativos gerados pelo PN é preciso considerar o contexto macrotextual, em que se inscrevem pontos de vista, argumentos e contra-argumentos.

A constituição de ambientes de conexão deixam entrever os enunciados, cuja tônica corresponde a relações de dependência entre os elementos. Quanto à constituição destas relações, destacam-se as condições de argumentação que definem os aspectos asseverativos do predicado nominal. Conforme já dito, o ambiente identificado como argumentativo não corresponde apenas à identificação das estruturas no espaço local da frase, mas também à sua inserção no contexto macro de realização. As condições para a análise encontram-se, segundo Maingueneau (1997, p. 160), baseadas nas evidências de que “a língua, com certeza, possui um valor argumentativo que é essencial, mas que obedece a princípios absolutamente específicos”.

Alguns traços semântico-argumentativos das estruturas sintáticas adquirem relevo em função das condições de estruturação do conteúdo proposicional. A noção de estrutura argumentativa, que extrapola a instância da frase, alberga processos que evidenciam movimentos no interior do texto. Não se trata de uma avaliação dos aspectos sociais que envolvem a produção do texto, mas da identificação dos aspectos e arranjos sintático-semânticos nas porções textuais reconhecidas como argumentativas, que demarcam o enunciado pelo seu teor persuasivo. A manutenção das condições de argumentação está, portanto, ligada aos fatores de inscrição, em graus maiores ou menores de formalização, do ponto de vista do locutor ou dos valores que representa.

MOVIMENTOS E AÇÕES ARGUMENTATIVAS

Para a análise do *corpus* parte-se da noção de que o Predicado Nominal adquire a função nuclear no processo de asseveração e ladeação argumentativa³, utilizou-se o texto de Sírio Possenti, “Quem é o bocó?”⁴, veiculado na *Internet*, em *site* destinado à discussão de determinada temática, no caso a língua portuguesa. Possenti apresenta uma resposta ao texto “Para estar passando adiante” sobre o gerundismo. Na porção⁵, a seguir, retirada do texto em análise, “*A segunda forma é notoriamente mais gentil do que a recusa seca expressa na primeira*”, o PN constitui-se por elementos que sustentam um ambiente asseverativo, cuja tônica é argumentativa na tentativa de defesa de ponto de vista.

Em “Quem é o bocó?” há subsídios para as discussões ainda iniciais sobre o papel do PN destacando-se na apresentação de uma ambiência argumentativa cuja tônica contra-argumentativa acentua-se mediante a inserção de afirmações que delineiam avaliações, ponderações, apreciações, advertências, entre outros.

O texto apresenta-se, tendo em vista as considerações acima, como contexto viável para a avaliação do PN como estrutura nuclear em determinados movimentos argumentativos, estabelecendo uma trama cuja explicitação pode insinuar uma certa tensão argumentativa, bem como a progressão do conteúdo asseverado no interior das proposições.

A presença de PN + ladeadores, no texto “Quem é o bocó?”, sugere um teor significativo de argumentação. Se a estrutura dos enunciados com

³ Esta noção argumentativa do PN foi pesquisada por Busse (2004).

⁴ Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/idioma/20010405a.htm> Acesso em: 14 out. 2016.

⁵ Embora o exemplo compreenda uma oração, conforme descrição dos manuais de gramática, tratamos os excertos por “porções”, considerando que se inserem em um texto e no próprio movimento macroargumentativo.

PN - sujeito (SN) + Vcop⁶ + Adj/N/Sadj/SN (BORBA, 1996, p. 79) - insere relações de dependência entre o núcleo e os ladeadores principalmente em relação aos traços semânticos destes, também incorpora laços semânticos (ou mesmo discursivos) que delineiam as pistas para o processo de leitura.

Reconhece-se o PN no interior de um arranjo semântico-argumentativo, cujo princípio encontra-se no ato de asseveração, que projeta a necessidade de dados informacionais para a sustentação dos movimentos argumentativos. Tais dados, que passam a compor as estruturas de ladeação, podem incorporar-se sob forma de ressalvas, remissões, explicitações e finalidades, por exemplo. Partindo-se dessa avaliação, procedeu-se à verificação dos arranjos sintáticos desencadeados pelo predicado nominal, de forma a constatar se há um laço nuclear e argumentativo, de fato.

O processamento e a conjugação das informações à constituição do texto estão atrelados a determinadas “estratégias de uso” em que a realização presume que, conforme van Dijk (2002), “o uso do conhecimento seja estratégico, que ele dependa dos objetivos do usuário da língua, da quantidade de conhecimento disponível a partir do texto e do contexto, do nível de processamento ou do grau de coerência para a compreensão, os quais são critérios para o uso estratégico do conhecimento monitorado pelo sistema de controle” (van DIJK, 2002, p. 26).

Esta conjugação do caráter linguístico e do caráter sócio-cognitivo, em que o processamento textual apresenta-se como atividade, leva à compreensão do texto, para Koch (2001), “como conjunto de pistas, representadas por elementos linguísticos de diversas ordens, selecionados e dispostos de acordo com as virtualidades que cada língua põe à disposição dos falantes” (KOCH, 2001, p. 26). Considera-se que o ato de argumentar

⁶ Os verbos copulativos ou de ligação são identificados por Borba como verbos-suporte ou verbalizadores, que “vazios de sua significação léxica, compõem sintagmas verbais complexos”.

consiste em a) visar o estabelecimento da adesão, b) selecionar elementos sintático-semânticos compatíveis e c) dispor linear e verticalmente os devidos argumentos explicitativos.

No texto “Quem é o bocó?”, a contra-argumentação apresenta-se como foco do que se explicita, afirma e avalia. A argumentação, baseada no contraponto, pode organizar-se em torno do desvelamento de argumentos e da defesa de um ponto de vista, em que os pressupostos, os subentendidos e a ironia, se inscrevem nos comentários, nas informações, nas remissões e nas explicitações.

O tom polêmico percorre o texto, desafiando, denunciando e contra-argumentando pontos de vista. Alguns elementos não terão, no espaço deste trabalho, sua avaliação realizada. Serão foco de análise para futuras pesquisas, que lançarão o olhar investigativo sobre a argumentação que se inscreve na língua e demarca os ambientes sintático-semânticos a partir de estratégias enunciativas.

A perspectiva nuclear do PN sustenta-se na organização das estruturas sintáticas que o ladeiam, as quais tomam o feitiço de argumentos que preenchem expectativas geradas pelo teor do que se estabelece no interior do PN. Ressalva-se, porém, que o PN também pode funcionar como um ladeador ou mesmo, sendo um ladeador, servir como uma asseveração conclusiva.

A seguir, é apresentada a descrição sintático-semântica dos ladeadores do PN nos recortes colhidos do texto de Possenti. Nesse primeiro recorte, apresentamos um caso em que o PN não é nuclear.

I – (1) O alcance da novidade (2) **deve ser bem maior**. (3) Em pronunciamento em rede nacional de TV, em meados de agosto, o próprio Ministro da Saúde, José Serra, que **não é jovem** – mas talvez seja (tele) marqueteiro -, falou de “outra vacina que vamos estar aplicando amanhã”.

Em (1) é apresentado o tema da apreciação, tendo em “novidade” uma remissão lexicalizada. A seguir, modaliza-se a apreciação inserindo uma hipótese e criando uma expectativa em torno da sua sustentação. Em (3) o movimento de explicitação, caracterizado pelo foco informativo, instaura-se como suporte para o que se afirma em (1) e (2). No interior da explicitação o PN insere uma observação respaldada pelo teor de avaliação e de ressalva.

No exemplo acima, o PN *não é jovem* apresenta-se como uma asseveração secundária, inserida em uma estrutura que serve para explicitar a modalização dada em *deve ser bem maior*, provavelmente o núcleo da estrutura do recorte.

Alguns conteúdos são recuperados, retomados, pressupostos e evidenciados, de maneira que a asseveração seja um resultado da comprovação, ou tentativa do que se afirma. No recorte a seguir novamente o PN ladeia um processo argumentativo.

II- (1) Assim, (2) pode-se pensar qualquer coisa desse tipo de expressão, (3) exceto: a) que não serve para nada, já que expressa aspecto (da ação), **é sinal de deferência**, pois se trata de uma fórmula gentil e talvez seja um indício revelador de um traço de nossa cultura atual; b) que é simples, bobo. (4) De fato, como vimos, **é algo bastante sofisticado**. (5) **É necessária uma enorme sofisticação para dar conta da sintaxe da locução e para empregá-la na hora certa**.

Em (1) a remissão estabelece um movimento de conexão, ressaltando o teor conclusivo do que se afirma na sequência. O predicado provavelmente nuclear ocorre em (2), com destaque para a modalização em “pode-se”. A ressalva de (3) é corroborada pelos PN (a) e (b). Tendo em (a) uma ladeação explicativa e em (b), a explicitação com teor mais avaliativo, veja-se (4). Em (4), o PN é deslocado para o início do enunciado, marcando a condição avaliativa e do que se explicita.

No exemplo abaixo, é possível observar-se a presença de PN nuclear no interior de uma explicação.

III- (1) Por isso, **não é a mesma coisa** (2) dizer "vou mandar" e "vou estar mandando", (3) exatamente por causa da diferença entre "ir" (que marca só futuro) e "ir + estar" (que marca futuro, por causa de "ir", e duração, por causa de "estar"). (4) "Vou estar providenciando" significa, entre outras coisas, que a providência não se dará instantaneamente. (5) Além disso, o compromisso expresso em "vou providenciar" é mais incisivo do que o expresso em "vou estar providenciando". Mais ou menos como é mais incisivo dizer "providenciarei" do que "vou providenciar".

Em (1) a remissão expressa o engate textual do que se afirma ou explicita na sequência, tendo o PN a posição nuclear no movimento argumentativo. Em (3) o movimento explicativo retoma a afirmação realizada pelo PN e insere a explicitação ampliada em (4). Em (5), o teor avaliativo e opinativo corrobora a asseveração.

A análise parte pressuposto de que a afirmação instantaneamente demarcada em *não é a mesma coisa* carece de um complexo de ladeadores utilizados para sua sustentação. Em (1), a remissão encaminha para uma conclusão, provavelmente conhecida, compartilhada, asseverada nas informações que se inserem na sequência. O pressuposto negado no interior do PN, insere-se em um movimento polifônico que, segundo Ducrot (1972), põe o locutor à margem quanto à responsabilidade do asseverado. Ao trazer o discurso dos puristas da língua para o interior da discussão, põe-se em pauta um o contraponto da funcionalidade do gerúndio.

A justificativa apresentada em *exatamente por causa da diferença entre "ir" (que marca só futuro) e "ir + estar" (que marca futuro, por causa de "ir", e duração, por causa de "estar")* revela o exercício de comprovação inicial do asseverado.

Pode-se identificar na estrutura que compreende o PN + ladeadores momento de avaliação, em que são pontuados alguns aspectos, cuja função se volta para explicitar a argumentação. Seu conteúdo pode, portanto,

sinalizar uma orientação que se acomoda nos ladeadores e dissemina a tônica da conclusão.

No recorte abaixo, o PN reúne uma série de declarações que podem render uma estratégia eficiente para a argumentação. A remissão recupera não só um conjunto de aspectos discutidos no texto, mas estabelece inferências sobre o principal foco da contra-argumentação.

IV- (1) Uma coisa é **não gostar da construção (de gustibus et coloribus non est disputandum)**. (2) Isto é **democracia**. (3) Outra é **achar que isso não é português ou que não serve para nada**. (4) **Aí já é falta de análise**.

Em (1), o Sujeito é exposto para a apreciação. A seguir, em (2), o Sujeito realiza um movimento remissivo, ampliando no PN o grau asseverativo do que se explicita. Em (3), faz-se menção a um outro Sujeito, que passa também a ser explicitado e se insere no jogo argumentativo, e que, no contraponto, polariza posicionamentos. A conclusão de (4), também no formato Sujeito/Remissivo, em que o advérbio “já” retoma, porém, expressa, conforme Castilho e Castilho (1993, p. 217), um julgamento do falante perante a proposição. O modalizador epistêmico, “delimitador”, em que se “estabelece os limites dentro dos quais se deve considerar verdadeiro o conteúdo da proposição, comprometendo-se parcialmente com o dito, segundo Nascimento (2010, p. 35). O PN está inserido numa remissão local, em que o conteúdo explicitado recupera uma afirmação anterior, inscrevendo-se, portanto, no mesmo momento da enunciação. Estabelece-se um paralelo entre *Uma coisa/Outra* e os PN, em (1) e (2), *versus* (3) e (4), para marcar a incisiva intenção da ironia.

O PN no interior da porção abaixo é um caso representativo do processo de nuclearização que se estabelece em torno da estrutura. Em *O certo é que a locução aparece em todas as falas de todas as*

telemarqueteiras duas são as funções desempenhadas: a) tem-se uma afirmação que subsidia a informação anteriormente explicitada: *Não sei qual teria sido o estrato social que mais aderiu, ou aderiu antes, à novidade. A crer no manifesto endossado por Gaspari, o nicho seria o telemarketing*; b) introduz-se uma contra-argumentação desencadeada na sequência. Assume, portanto, o PN o papel de núcleo da asseveração.

V - (1) Não sei qual teria sido o estrato social que mais aderiu, ou aderiu antes, à novidade. (2) A crer no manifesto endossado por Gaspari, o nicho seria o telemarketing. (3) O certo **é que a locução aparece em todas as falas de todas as telemarqueteiras**. (4) Devem receber severo treinamento, que inclui pelo menos duas exigências: não dizer nada que não esteja no script, e enunciar, em algum momento, a famosa fórmula "vamos estar -ndo". O que preenche "-ndo" vai depender do serviço. (4.1) Se é uma encomenda, então a empresa "vai estar enviando". (4.2) É uma reclamação? Alguém "vai estar providenciando". (5) Mas a expressão invadiu também as escolas: alunos já me disseram que vão estar me enviando trabalhos por e-mail.

Em (1) e (2) ocorre um movimento de remissão que se relaciona ao contexto da discussão. Em (3) a afirmação do PN sugere uma hipótese que pode ou não ser confirmada durante a explicitação que se segue em (4) e seus desdobramentos (4.1) e (4.2). A argumentação é resolvida, contudo, como a ressalva de (5). A realização do PN dá-se em momentos de avaliação, em que o conteúdo explicitado está condicionado a uma conclusão encaminhada na própria discussão.

Finalizamos as observações com o recorte a seguir que é micro (embora macro) com referência a outro macro. Na porção analisada há um movimento de remissão que estabelece o engate do conteúdo que se explicita a elementos já discutidos no interior do texto. O resgate que a remissão realiza está inscrito no referente: *sintaxe da locução*, que se apresenta como foco da discussão naquele momento argumentativo. A conclusão no interior

da porção corrobora o perfil afirmativo e explicitativo do movimento argumentativo.

VI- (1) Vejamos primeiro a sintaxe da locução: (2) a ordem dos verbos auxiliares **é perfeitamente canônica**. (3) Sabe-se que os verbos auxiliares vêm sempre antes do principal (como em "vou sair"). (3.1) Se houver mais de um auxiliar, haverá ordens permitidas e outras proibidas ("tenho estado viajando", mas não "estive tendo viajado"; "vou estar saindo", mas não "estarei indo sair"). (4) Resumo da história: a nova locução está em perfeito acordo com a sintaxe do português: sua ordem é ir + estar + ndo. (5) **É, pois, absolutamente gramatical**.

Em (1) apresenta-se uma chamada interlocutiva, que estabelece um movimento de remissão anafórica. Em (2) o PN insere a asseveração. Em (3) a explicitação tem seu conteúdo ampliado por (3.1). Em (4) e (5), a conclusão reitera a asseveração do PN.

O estudo do texto argumentativo, no viés opinativo e persuasivo, instaura uma reavaliação das categorias sintáticas que a gramática tradicional classifica no espaço da frase, como esvaziadas do seu sentido semântico e pragmático. Para tanto, pode ser pertinente a distinção entre “frase, considerada como uma entidade linguística abstrata, idêntica a si mesma em suas mais diversas ocorrências, e enunciado, que é a ocorrência particular, e realização hic et nunc da frase”, segundo Ducrot (1987, p. 89).

Ao pronunciarem-se, os indivíduos revelam e refletem as entidades e relações sociais das quais participam e representam. Para Ducrot (1987, p. 98), a argumentatividade é constitutiva à grande maioria das frases, pois “sua significação contém uma instrução como ‘enunciando’ esta frase, apresento-me como argumentando em favor de tal tipo de conclusão”.

O ‘como se diz’, portanto, assume relevância linguística e social, tendo em vista que as possibilidades de arranjo sintático e escolha lexical expressam as intenções do locutor, dando ao texto uma organização e estrutura particularizante, em que, conforme Camacho (2002), “estados de

coisas não têm existência na realidade, mas são eles próprios interpretações ou representações da realidade” (CAMACHO, 2002, p. 259).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da constatação de que o PN pode ser núcleo de uma macroestrutura ou mesmo ladear essa macroestrutura, optou-se por focar somente o primeiro caso, dado o pouco tempo para reflexão sobre as ocorrências. Entre sujeito e PN há laços também no nível argumentativo.

Partiu-se da questão de como o PN pode mobilizar movimentos asseverativo-argumentativos, para identificar nos elementos que o acompanham, definidos como ladeadores, estruturas argumentativas, as quais correspondem a informações postas em cena para referendar ou refutar o que se afirma. Essas informações passam a tecer nos elementos que ladeiam o PN todo um processo argumentativo que, em princípio, objetiva a adesão do interlocutor.

A arquitetura posta no texto projeta a tentativa de provar-se a afirmação, por meio da seleção, organização e acomodação de informações, cujo fim maior é levar o interlocutor a uma determinada conclusão. Em termos macro de constituição das condições de argumentação em torno do PN, identifica-se a inserção de informações cujo teor respalda-se na afirmação e comprovação. O PN, mesmo fora do circuito nuclear da argumentação, no papel de ladeador participa das instâncias asseverativas.

Percebe-se que a extensão e o efeito de sentido provocado pelo movimento de asseveração pode estar condicionado às intenções discursivas. No percurso instaurado podem ocorrer amarras argumentativamente estabelecidas de forma que se possam observar as convicções do locutor ao se pronunciar. Nos ladeadores pode-se reconhecer a explicitação de uma

postura ou avaliação do locutor, o qual seleciona o que é relevante e incondicional no processo de persuasão. O sentido assume uma especificidade em relação à instância macroestrutural do texto, tendo em vista o perfil semântico-argumentativo.

REFERÊNCIAS

AGUD, Ana. **Historia y teoria de los casos**. Madrid: Editora Gredos, 1980.

BORBA, Francisco. S. **Uma gramática de valências para o português**. São Paulo: Ática, 1996.

BUSSE, Sanimar. **Uma tentativa de descrição das macroestruturas sintático-semânticas geradas pelo predicado nominal em porções textuais retiradas de redações produzidas pelos candidatos ao vestibular especial/2002**. Dissertação de Mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Unioeste, 2004.

CAMACHO, Roberto Gomes. **O papel da estrutura argumental na variação de perspectiva**. In: Gramática do Português Falado. Vol VI. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

DIK, Simon C. **Gramática Funcional**. Madrid, 1981.

DUCROT, Oswald. **Dizer e não dizer: princípios de semântica lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1972.

_____. **O dizer e o dito**. Campinas, SP: Pontes, 1987.

_____. **Argumentação e “Topoi” Argumentativos**. In: GUIMARÃES, E. (org.). História e Sentido na Linguagem. São Paulo: Pontes, 1989.

_____. **O problema do padaroxo em uma semântica argumentativa**. In: Línguas Instrumentos Lingüísticos. São Paulo: Pontes, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. São Paulo: Pontes, 1997.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: A nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

POSSENTI, Sírio. “**Quem é o bocó?**”. Novo Milênio. São Paulo. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/idioma/20010405a.htm> [Acesso em 14/10/2016].

SELLA, Aparecida Feola. **Descrição da frase em língua portuguesa com base nos pressupostos da teoria das Valências**. Assis. Tese de Doutorado, 2000.

SELLA, Aparecida Feola; ROMAN, Elódia Constantino. **Adjetivação: a possibilidade de entender a inserção do narrador no texto**. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 122, 2004, Curitiba. Conhecimento Local e Conhecimento Universal. Curitiba: ENDIPE, 2004. p. 7396-7408. 1 CD-ROM.

TESNIÈRE, Lucien. **Éléments de Syntaxe Structurale**. 2 ed. Paris: Klincksieck, 1996.

Van DIJK, Teun. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 2002.

VILELA, Mario; KOCH, Ingedore Villaça. **Gramática da Língua Portuguesa**. Coimbra: Almedina, 2001.